

## Artigo

### ***Didáctica Magna: contribuições para a escola da primeira infância na contemporaneidade***

#### ***Didáctica Magna: contributions to early childhood school in contemporary times***

#### ***Didáctica Magna: contribuciones a la escuela de la primera infancia en la época contemporánea***

\* **Solange Maria de Oliveira Cruz**<sup>1</sup>

\*\* **Carlos Roberto da Silveira**<sup>2</sup>

\* Creche Angelino Pigatto (PMP), Paulínia- SP, Brasil.

\*\* Universidade São Francisco (USF), Itatiba- SP, Brasil

### **Resumo**

Este texto, de cunho bibliográfico, teve como objetivo refletir sobre o pensamento didático-pedagógico do educador tcheco João Amós Comênio, contido na obra *Didáctica Magna – Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, publicada em 1657. Também terá por aporte a obra de Jean Piaget, *Jan Amós Comênio* em que consideramos que aproximações importantes podem ser feitas, quanto às reflexões sobre a prática de futuros professores da escola da primeira infância contemporânea. A obra estudada trata-se, segundo o próprio autor, de um tratado sobre a “arte de ensinar”, a fim de que se obtenha êxito, ao ensinar “tudo a todos”. Em uma época em que não existia os currículos sistematizados, Comênio propôs a construção de um programa de ensino com adoção de hierarquia de conhecimentos e de graus de ensino, com um plano orgânico de estudos, e um modo de ensinar as crianças, de forma que se obtivesse bons resultados na aprendizagem, despertando atenções e estimulando-as a permanecerem atentas ao que se ensinava. Conclui-se que a proposta da obra de Comênio, a saber, desenvolve na mente infantil o princípio e as bases de uma instrução universal desde os primeiros anos de vida escolar, torna-se elemento importante a ser apresentado a cada aspirante a professor, para que adquira conhecimentos, e se debruce em uma leitura mais detalhada da obra, refletindo sobre a possibilidade de incorporá-la à sua vida e à sua prática profissional.

### **Abstract**

This text, of a bibliographic nature, aimed to reflect on the didactic-pedagogical thought of the Czech educator João Amós Comênio, contained in the work *Didáctica Magna – Treatise on the Universal Art of Teaching Everything to Everyone*, published in 1657. It will also contribute to the work of Jean Piaget, *Jan Amós Comênio*, in which we consider that important approximations can be made, regarding reflections on the practice of future teachers of contemporary early childhood school. The work studied is, according

---

<sup>1</sup> Diretora de Unidade Escolar (Creche) no Município de Paulínia/SP. Doutora em Educação pela Universidade São Francisco (USF), Itatiba - SP - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3929-3173> E-mail: [solangecruzse@gmail.com](mailto:solangecruzse@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco (USF), Itatiba – SP - Brasil. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Teorias Críticas Latino-Americanas (GPETECLA). Vice-líder do Grupo de Estudos Foucaultianos (GPEFE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1003-0014> E-mail: [carlosilveir@yahoo.com.br](mailto:carlosilveir@yahoo.com.br)



to the author himself, a treatise on the "art of teaching", in order to achieve success, in teaching "everything to everyone". At a time when there were no systematized curricula, Comenius proposed the construction of a teaching program with the adoption of a hierarchy of knowledge and degrees of education, with an organic plan of studies, and a way of teaching children, so that good results in learning were obtained, arousing attention and encouraging them to remain attentive to what was taught. It is concluded that the proposal of Comenius' work, namely, to develop in the child's mind the principle and bases of a universal instruction from the first years of school life, becomes an important element to be presented to each aspiring teacher, so that he acquires knowledge, and focuses on a more detailed reading of the work, reflecting on the possibility of incorporating it into his life and his professional practice.

### Resumen

Este texto, de carácter bibliográfico, tuvo como objetivo reflexionar sobre el pensamiento didáctico-pedagógico del educador checo João Amós Comênio, contenido en la obra *Didáctica Magna – Tratado da Arte Universal de Ensino Tudo a Todos*, publicada en 1657. También contribuirá al trabajo de Jean Piaget, *Jan Amós Comênio*, en el que consideramos que se pueden hacer importantes aproximaciones, en cuanto a las reflexiones sobre la práctica de los futuros maestros de la escuela infantil contemporánea. La obra estudiada es, según el propio autor, un tratado sobre el "arte de enseñar", con el fin de alcanzar el éxito, en enseñar "todo a todos". En una época en la que no existían currículos sistematizados, Comenius propuso la construcción de un programa de enseñanza con la adopción de una jerarquía de conocimientos y grados de educación, con un plan orgánico de estudios, y una forma de enseñar a los niños, de manera que se obtuvieran buenos resultados en el aprendizaje, despertando la atención y animándolos a permanecer atentos a lo que se enseñaba. Se concluye que la propuesta de la obra de Comenio, a saber, desarrollar en la mente del niño el principio y las bases de una instrucción universal desde los primeros años de vida escolar, se convierte en un elemento importante a presentar a cada aspirante a maestro, para que adquiera conocimientos, y se centra en una lectura más detallada de la obra, reflexionando sobre la posibilidad de incorporarla a su vida y a su práctica profesional.

**Palavras-chave:** Didáctica Magna, Comenius, Ensino, Primeira infância.

**Keywords:** Didáctica Magna, Comenius, Teaching, Early childhood.

**Palabras claves:** Didáctica Magna, Comenius, Docencia, Primera infancia.

“O pensamento didático-pedagógico de Comênio é, portanto, uma apreensão original, no campo da educação, de todas as transformações que estavam se realizando na transição da Idade Média para a Idade Moderna. A forma como ele constitui sua arte de ensinar é uma expressão fiel e adequada das necessidades humanas daquele momento histórico de transição”.

(Gasparin, 1994, p.181).

João Amós Comênio<sup>3</sup>, nascido na região da Morávia, na atual República Tcheca, situada na Europa Central, em 28 de março de 1592<sup>4</sup> e morto em 1670, foi um importante educador em seu tempo e um profundo defensor e militante da educação.

Um dos frutos dessa militância tem atravessado décadas e chega a nós na forma da obra intitulada “*Didáctica Magna – Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*”, cuja tradução do texto latino, contido no Tomo I das “*Opera Didactica Omnia*”, edição da Academia Scientiarum Bohemoslovenica, de Praga, data de 1657.

Não podemos deixar de registrar que na época em que sua obra foi editada, não existiam escolas como as previstas em sua *Didática Magna*, institucionalmente organizadas (Narodowski, 2001), principalmente escolas para a infância, como temos na atualidade no Brasil e no mundo, pois essas na Europa são posteriores à obra de Comênio (por volta do século XIX) e, no Brasil, surgiram a partir do ano de 1900 em diante, no século XX. Como foi definido pelo próprio Comênio, a obra trata sobre o Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos, que nas palavras de Comênio (1985, p.43), trata-se de um

Processo seguro e excelente de instituir, em todas as comunidades de qualquer Reino cristão, cidades e aldeias, escolas tais que toda a juventude de um e de outro sexo, sem excetuar ninguém em parte alguma, possa ser formada nos estudos, educada nos bons costumes, impregnada de piedade, e, desta maneira, possa ser, nos anos da puberdade, instruída em tudo o que diz respeito à vida presente e à futura, com economia de tempo e de fadiga, com agrado e com solidez.

Ao ler a definição dada por Comênio sobre seu *Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, temos a impressão de que o que está por vir em sua literatura, o que ele mesmo define mais adiante como um tratado sobre a “arte de ensinar”, seja uma espécie de “modo de fazer”, em que emprega-se uma bem sucedida metodologia de ensino capaz de, como nas palavras do autor, ensinar tudo a todos e “com tal *certeza*, que seja impossível não conseguir bons resultados” (Comênio, 1985, p. 45, *itálico do autor*), e aqui queremos nos ater ao entusiasmo de “ensinar tudo a todos”, e quiçá, alcançar bons resultados.

Jean Piaget (2010), na obra *Jan Amós Comênio*, de tradução brasileira, publicada pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC), afirma que a obra *Didática Magna* adquire grande relevância quando pensamos que à época em que foi escrita, o ensino não se apresentava organizado em currículos, como Comênio propõe.

Comênio ao sugerir a construção de um programa de ensino com adoção de hierarquia de conhecimentos e de graus de ensino, com um plano orgânico de estudos, apresenta a obra, composta por trinta e três (33) capítulos versando sobre assuntos como: o homem, a formação do homem, o ensino e as escolas, o que torna sua contribuição pioneira e extremamente “atual” (Severino, 2011 apud Comenius, 2011, *aspas do autor*), inaugurando o que hoje podemos

<sup>3</sup> Forma aportuguesada da grafia latina (Comenius).

<sup>4</sup> Esta data encontra-se no título da obra *Opera Didactica Omnia*, em edição redigida pelo próprio Comênio.

chamar de um projeto educativo inovador e aplicável, ao unir teoria e prática, em um mesmo projeto de ensino.

Referindo-se à natureza como modelo a ser aplicado na educação, dentre outros assuntos abordados, Comênio apresenta nove (9) *Princípios Pedagógicos* a serem considerados dentro de sua didática, para uma Educação Universal.

Segundo Piaget (2010, p.65-66) no *Primeiro Princípio Pedagógico* de Comênio, lê-se que:

A natureza aguarda o momento propício: Por exemplo, o pássaro não inicia a reprodução no inverno, quando tudo está frio e rígido, nem no verão, quando tudo está abrasado e extenuado pelo calor, nem no outono, quando a vitalidade das coisas decresce com o sol e predomina o frio, que é inimigo das coisas novas, mas a inicia na primavera, quando o sol dá vida e vigor a todas as coisas.

Ou seja, existe o tempo correto para ensinar às crianças, e a escola, segundo ele, contraria esse Princípio de dois modos: “I - Não aproveitando o tempo oportuno para exercitar os engenhos. II - Não organizando cuidadosamente os exercícios de modo que tudo avance gradualmente e sem erros” (Piaget, 2010, p. 66), deixando claro que existe um tempo adequado para que a criança seja iniciada na arte de aprender, e o ensino deve ser oferecido de modo gradual para que alcance êxito.

Diante dessa afirmativa Piaget (2010, p. 66-67) esclarece:

A criança não pode ser instruída enquanto é pequena demais, porque a raiz da inteligência ainda está escondida. Instruir o homem na velhice é tardio demais, pois a inteligência e a memória começam a arrefecer; na idade madura isso é difícil porque é trabalhoso reunir as forças da mente, que estão dispersas nas várias ocupações.

Portanto, deve-se iniciar a instrução da criança quando ela ainda é bem pequena, e tal instrução deve ser oferecida nas horas matinais, por serem, segundo Comênio mais propícias ao estudo, fazendo uma analogia dos períodos do dia com as estações do ano, em que o período da manhã corresponderia à primavera.

Sobre esse assunto, da idade certa para iniciar a escolarização infantil, Comênio enfatiza que “Tudo o que será aprendido deve ser disposto segundo a idade, para que nunca se ensine nada que não possa ser compreendido” (Piaget, 2010, p. 67), reforçando a ideia de que o conhecimento deve ser oferecido à criança segundo uma graduação da dificuldade, iniciando por aquilo que a criança é capaz de entender, de acordo com a sua idade.

No *Segundo Princípio Pedagógico* de Comênio Piaget (2010, p.67) esclarece que há de ser levado em consideração, em se tratando da educação das crianças, que “a natureza prepara a matéria antes de começar a introduzir - lhe forma”. Ou seja, há que se ter uma preparação prévia para ensinar.

De acordo com Piaget (2010, p.68), Comênio declara que as escolas contrariam esse Princípio quando, entre outras coisas, “não cuidam previamente

de ter os vários instrumentos, livros, quadros, exemplos e modelos, sempre prontos para o uso”. Isso nos dá uma pista muito clara do quanto considerava importante tais instrumentos. Ele pensava à frente do seu tempo, o que hoje chamamos de planejamento de ensino ou plano de aula.

Sobre esse tema, Piaget (2010, p. 68) observa que Comênio tece ainda um comentário, dizendo que “nos próprios livros escolares não é observada a ordem natural, segundo a qual a matéria precede e a forma lhe sucede”, afirmando que o contrário acontece quase sempre, a saber, a escola tenta introduzir a forma, antes que a matéria esteja preparada, exemplificando: na escola ensinam-se as palavras antes das coisas e o ensino de línguas começa pela gramática, antes de ensinar os vocábulos.

Para corrigir esse método falho de ensinar Piaget (2010, p.69) sugere ser necessário:

- I - Ter prontos os livros e todos os outros instrumentos didáticos.
- II - Que o intelecto seja formado antes da língua.
- III - Que não se aprenda nenhuma língua a partir da gramática, mas apenas a partir de autores apropriados.
- IV - As disciplinas reais devem preceder as lógicas.
- V - Os exemplos devem preceder as regras.

No *Terceiro Princípio Pedagógico*, Piaget (2010, p.69) enfatiza que “ao obrar, a natureza torna um indivíduo apto e prepara-o antes, oportunamente”, o que significa dizer que o estudante deve estar preparado para estar dentro das salas de aula aprendendo, e suas mentes devem estar livres, sem qualquer obstáculo que lhes impeça a aprendizagem, visto que a natureza para completar sua obra, antes a prepara tornando-a apta para tornar-se obra.

Comênio afirma, no *Quarto Princípio Pedagógico* formulado por ele, para se referir à natureza como modelo a ser aplicado na educação das crianças, que para alcançar seu intento a natureza “não procede confusamente, mas de modo claro”, (Piaget, 2010, p. 71), e que na escola, o que existe a esse respeito é “uma grande confusão que deriva de querer abarrotar a mente dos alunos com muitos conhecimentos ao mesmo tempo” (Piaget, 2010,p. 71), trazendo aqui uma crítica muito clara à excessiva quantidade de “matérias” que são ensinadas ao mesmo tempo na escola, mudando-se de lições e exercícios o tempo todo, a cada hora de aula, durante o dia.

Para Comênio, as crianças devem dedicar-se a apenas uma “matéria” a ser aprendida por vez, e quando esta for compreendida, passa-se para outra.

No *Quinto Princípio Pedagógico*, Piaget (2010, p.72) ao explicar que “a natureza começa todas as operações pelas partes mais internas” aponta que os professores erram quando desejam concluir “a formação da juventude ditando muitas coisas e obrigando-a a devorá-las, sem uma cuidadosa explicação” (Piaget, 2010, p. 73) e que da mesma forma erram aqueles que não tem preparo para ensinar, e desse modo, “estragam” o aluno, como quem corta uma planta usando um bastão, e não uma faca.

Piaget (2010, p. 73), indica no *Sexto Princípio Pedagógico* de que “a natureza inicia todas as suas formações pelas coisas mais gerais e acaba pelas mais particulares” e para ele, o ensino às crianças deve seguir também esse Princípio.

Diante disso Piaget (2010, p. 74) orienta: “Que na mente das crianças que devam dedicar-se aos estudos sejam inculcadas as bases de uma instrução

universal desde o primeiro momento da formação [...]”, partindo do mais simples, para o mais complexo.

Retomando a Antiguidade Clássica a metáfora que compara a criança a uma planta, Comenius lhe dá um significado mais profundo ao considerar que é a mesma natureza que opera em ambas, e que, portanto, pode-se identificar semelhanças reais em seu desenvolvimento (Severino, 2011 *apud* Comenius, 2011, p. XXV).

Um exemplo que o próprio Piaget (2010, p. 75) dá na obra: “acontece com a árvore, mesmo que tenha cem anos não lhe nascem galhos novos, mas os já nascidos no início ampliam-se em outros tantos galhos”, pois, assim como a natureza, o ensino “não procede por saltos, mas gradualmente” (p.75), e aqui eis o *Sétimo Princípio Pedagógico* de Comênio.

Devemos, no entanto, nos atentar ao alerta de Severino (2011, p. XXI), na obra *A escola da infância – Comenius*, da editora UNESP:

Todavia, ao identificarmos o naturalismo de Comenius não podemos tomá-lo como determinante da educação, pois ele constitui apenas a primeira fase de um processo que, em última instância, só termina com a plena realização da humanidade do educando.

Também cabe aqui a advertência de Suchodolski (1970, p.45):

Aqueles que são naturalistas neste sentido acreditam que a educação tem que se curvar de uma maneira passiva ao suposto desenvolvimento natural da criança, limitando o papel do educador à uma mera supervisão desse processo automático. Comenius não compartilharia de maneira nenhuma dessa atitude. Pelo contrário, ele enfatizou que o homem só se torna homem através de um processo ativo de educação. O homem é uma criatura que pode se tornar diferente do que tem sido, porque aprende e age.

Da mesma forma, devemos proceder com o ensino às crianças, agindo no momento oportuno e por graus de complexidade, que devem ir aumentando a cada novo ensinamento, interligados entre si, distribuindo os estudos de modo que uns complementem os outros.

Assim, Piaget (2010, p.76) sugere de modo muito prático que:

I - Todas as matérias de estudo devem ser divididas em aulas, de tal modo que as primeiras sempre aplanem e iluminem o caminho das seguintes. II - O tempo deve ser bem distribuído para que, a cada ano, mês, dia, hora, seja atribuída uma tarefa particular.

Vemos nessa sugestão algo muito parecido com o planejamento de ensino que praticamos nas escolas atualmente.

Em sua *Didática Magna*, no *Oitavo Princípio Pedagógico* Comênio (1985, p.133) enfatiza que “não se deve parar, a não ser depois de terminada a

obra”. Piaget (2010, p.76) acrescenta: “depois de iniciar uma obra, a natureza não a interrompe, mas conclui”, deixando claro que, uma vez aplicada essa metodologia de ensino proposta por Comênio, não há como não obter êxito.

Piaget (2010, p. 77) porém, adverte-nos que existe um modo correto de aplicar a metodologia para que funcione, a exemplo do que ocorre na natureza:

O preceptor também erra se inicia, com o aluno, ora uma coisa, ora outra, sem nunca se aprofundar em nada com seriedade. Também erra se a cada hora não estabelece nem leva a termo nada de definitivo, de tal modo que o progresso seja cada vez mais notável.

Acrescentando que o ambiente da escola deve ser tranquilo, longe de distrações, fazendo tudo sem interrupções, para que nada disperse as crianças da tarefa de aprender.

Por fim, no *Nono Princípio Pedagógico*, Piaget (2010, p. 77) escreve que “a natureza está sempre atenta para evitar as coisas contrárias e nocivas”, e que na escola, evita-se coisas nocivas ou contrárias não apresentando “aos jovens, desde o início, controvérsias sobre algum assunto” (p.78), não incitando dúvida sobre as coisas que ainda precisam ser aprendidas.

Ao tratar sobre o comportamento dos estudantes nos ambientes da escola, Comenius (1996) instrui que não devemos tolerar as más amizades nem dentro das escolas, nem em suas imediações, além de colocar os jovens estudantes em contato com livros que dizem respeito ao que estão aprendendo, e se por acaso oferecermos outros tipos de leitura, que sejam leitura inspiradoras de sabedoria, de virtude e de piedade.

Ele próprio ensina a tarefa necessária, em sua obra, ao envolver a família e a escola no propósito de educar a criança, para que a escola funcione adequadamente, orientando que se deve:

Compile um livro de conselhos para os pais e as mães, para que não ignorem os seus deveres. Neste livro, devem expor-se, uma por uma, todas as coisas em que é necessário formar a infância, e dizer de que ocasiões deve aproveitar-se para agir, e quais as maneiras e as regras que devem observar-se na fala e no gesto para incutir nas crianças as primeiras noções elementares (Comenius,1996, p.422).

Piaget (2010, p.78) afirma que “Se tudo isso for escrupulosamente observado, é quase impossível que as escolas não atinjam seu fim” e nisso vemos que sua obra é uma metodologia de ensino, possível de ser aplicada desde os primeiros anos de vida, na escola da infância.

Dentro dos princípios de didática propostos por Comênio (1985), ele apresenta princípios de didática especial, como método para ensino das ciências em geral, propondo que os estudantes “apreendam” e conheçam o que lhe é ensinado em profundidade, e com segurança e prontidão, de forma metódica, de modo que os conhecimentos estejam interligados, para que aprendam com segurança e rapidez, e para tanto, traz em seu conteúdo uma regra, que chama de regra áurea (regra de ouro), para os professores. Sobre isso escreve Piaget (2010, p.80):

Então, a regra áurea dos que ensinam deve ser: todas as coisas, na medida do possível, devem ser postas diante dos sentidos. As visíveis ao alcance dos olhos; as sonoras, dos ouvidos; as que têm cheiro, do olfato; as sápidas, do paladar; as tangíveis, do tato. E se alguma houver que possa, ao mesmo tempo, ser percebida por vários sentidos, deverá ser posta simultaneamente ao alcance dos vários sentidos, como já se disse no Oitavo Princípio, no cap. XVII.

Comênio (1985, p.145), inova ao propor uma educação dos sentidos, ao enfatizar que “o saber começa a partir dos sentidos”, sendo essa uma ideia totalmente inovadora, sob o ponto de vista da educação em seu século, e das propostas que ele traz em seu bojo.

Com uma proposta de educação das sensibilidades, Comênio (1985) ressalta as razões pelas quais a educação deve ser posta simultaneamente ao alcance de vários sentidos. Piaget (2010, p. 80) apresenta de forma sucinta, e transcritas aqui, resumidamente por nós:

a) O conhecimento tem sempre início necessariamente nos sentidos (pois nada há no intelecto que não tenha passado antes pelos sentidos): por que, então, a instrução deveria começar pela explicação verbal das coisas e não por sua observação direta? Só depois que o objeto foi mostrado é que pode ser explicado melhor com palavras. b) Em segundo lugar, a verdade e a certeza da ciência não derivam senão do testemunho dos sentidos. As coisas, primeiro e imediatamente, imprimem-se nos sentidos, para depois, graças aos sentidos, se imprimirem no intelecto [...] e por isso quem quiser dar aos alunos uma ciência verdadeira e certa deverá ensinar tudo sempre por meio da observação direta e da demonstração sensível. c) Como os sentidos são fiéis colaboradores da memória, aquele que chega a saber graças à demonstração sensível sabe para sempre.

Outro ponto interessante destacado por Comênio (1985), dentro dessa educação com base nos sentidos, é a importância do uso de imagens e de histórias para potencializar a aprendizagem, exemplificando que um estudante poderá imaginar um rinoceronte com mais facilidade e segurança caso o tenha visto ao menos uma só vez, “[...] (mesmo que fosse em imagem) [...]” (Comênio, 1985, p.193), o que confirma estudos atuais de que a experiência ensina muito mais, quando aliada à teoria. A esse respeito escreveu (Piaget, 2010, p. 82).

Assim, quem alguma vez tiver observado diretamente a anatomia de um corpo humano entenderá e lembrará cada parte com mais segurança do que quem, sem experiência direta, tiver lido os mais vastos tratados: a observação ocular faz as vezes da demonstração.

Sua proposta de didática de ensino confirma a potência da experimentação, das experiências e da observação direta dos objetos, quando orienta que tudo deve ser apresentado aos sentidos e finaliza, “Em suma, a ciência será tão mais certa quanto mais se basear nos sentidos, e por isso quem



quiser dar aos alunos uma ciência verdadeira e certa deverá ensinar tudo sempre por meio da observação direta e da demonstração sensível” (Piaget, 2010,p. 81), reforçando a tese que no ensino, tudo deve ser apresentado aos sentidos.

Comênio (1985) escreve ainda sobre a importância de despertar a atenção da criança para o aprendizado, estimulando-a para permanecer atenta ao que se ensina, “a fim de que a mente, sedenta das coisas, beba aquilo que se lhe ensina” (Comênio,1985, p. 195). A esse respeito Piaget (2010, p. 83) reforça que “[...] tudo deve ser apresentado aos sentidos [...]” e que isso já foi explicado, nos capítulos dezessete (17) e dezenove (19) da obra *Jan amos Comênio* (2010).

Ao elaborar seu plano de ensino Comênio (1985) considera adequado serem utilizadas no ensino algumas regras metodológicas, as quais Piaget (2010, p. 85-88) destaca como fundamentais e “utilíssimas” que sejam conhecidas por quem orienta o ensino:

a) Ensinar tudo o que se deve saber. b) Tudo o que se ensina deve ser ensinado como coisa atual e de inquestionável utilidade. c) Tudo deve ser ensinado diretamente, e não com circunlóquios. d) Tudo deve ser ensinado no que é e naquilo em que se transforma. Portanto, o método de ensino deve seguir o método das coisas: primeiro o que vem primeiro, depois o que se segue. e) O que for dado por conhecimento que seja dado antes de modo geral, e depois por partes. f) Devem ser conhecidas todas as partes de um objeto, inclusive as mais miúdas, sem negligenciar nenhuma, respeitando-se a ordem, a posição e os nexos recíprocos. Nada é inútil, e às vezes nas partes menores reside a força das maiores. g) As coisas devem ser ensinadas uma depois da outra, uma por vez. h) Deve-se insistir em cada coisa, até que seja compreendida. i) Devem ser bem ensinadas as diferenças entre as coisas, para que o conhecimento de cada uma delas seja distinto.

Finalmente, Piaget (2010) apresenta, tendo como base a *Didáctica Magna* de Comênio (1985), um *Plano Orgânico de Estudos*, ou, em termos mais atuais, uma proposta de organização escolar, “sobre a quádrupla divisão das escolas, segundo a idade e o aproveitamento” (Piaget, 2010, p. 88). Piaget, (2010, p. 89) estabelece quatro (4) períodos em anos, em que se deve ensinar determinadas matérias, que ela chega a nomear “oficinas de cultura”, seguindo a natureza como guia

O ensino será dividido por faixa etária, a exemplo do que ocorre hoje nas escolas, dividindo “o período do crescimento em quatro momentos: infância, meninice, adolescência e juventude; cada um deles dura seis anos e tem sua escola: I. Para a infância. II. Para a meninice. III. Para a adolescência. IV. Para a juventude” (Piaget, 2010, p. 89), com escolas específicas para cada fase.

Neste plano orgânico de estudos, o primeiro espaço escolar a ser frequentado pelas crianças, seria o Maternal, que prepararia a criança para receber o conhecimento.

É, em certo sentido, uma escola semipública, onde as crianças se habitam a conviver, a brincar, a cantar, a contar, a cultivar os bons costumes e a piedade, e a exercitar os sentidos e a

memória (antes de começarem a aprender a ler e a escrever)  
(Comenius,1971, p.223).

O segundo espaço escolar seria a Escola Vernácula para a meninice aprender a leitura, a escrita, a matemática, e os primeiros preceitos morais de obediência e fé (observemos o momento histórico em que esse Plano foi escrito).

Depois iriam para o Ginásio, na adolescência, onde seriam educados os modos e aprofundada a leitura.

Por fim, iriam para a Academia, quando jovem, o que possibilitaria estudos superiores como Filosofia, Teologia, Medicina etc., onde a Academia seria o equivalente às Universidades atuais.

Como diferenciais, além da idade, (Piaget, 2010, p. 90) escreve que “nas escolas das crianças menores é preciso ensinar as coisas de maneira mais geral e mais elementar”, diferente das escolas seguintes que devem ensinar as coisas de modo distinto e particularizado, o que a nós parece apropriado que seja feito da mesma forma nos dias de hoje.

Também que nas escolas maternas devem os sentidos externos serem exercitados de modo especial “para que os alunos se habituem a usá-los de maneira correta para o conhecimento dos objetos” (Piaget, 2010, p. 90), explicando mais adiante, que em toda as fases escolares a mente deve ser levada a exercitar a reflexão atenta, seguindo sempre, como ele tem falado desde o início, o princípio da natureza, que tudo vai formando de modo gradual. Comênio, na obra *A escola da Infância* (2011) explica de modo prático como essa intenção pode ser alcançada:

A capacidade e o pensamento das crianças são fortemente estimulados por fábulas que envolvem animais como personagens e outras narrativas engenhosas. Elas adoram ouvir essas histórias e facilmente as guardam na memória. Como, apesar de engraçadas, na maior parte das vezes essas narrativas apresentam uma lição de moral, elas ajudam a exercitar e ocupar o pensamento das crianças, deixando lições que poderão ser de grande valia no futuro (Comenius, 2011, p. 40)

Uma grande inovação do seu tempo, contudo, paira sobre a ideia de que na escola materna (e na vernácula também), deveriam estudar crianças de ambos os sexos, e mais que isso, Comenius (2011, p.41) aconselha que as crianças devam interagir umas com as outras para que melhor aprendam e se desenvolvam:

Apenas algo mais: embora os adultos que cuidam da criança possam dar conta facilmente de quase tudo isso, mais ainda poderão fazer suas coetâneas, também crianças, seja quando uma conta alguma coisa a outra, seja brincando juntas, pois crianças da mesma idade progredem de forma semelhante nos modos e costumes e estão mais bem sintonizadas umas com as outras, pois não há muita diferença em sua capacidade de pensar.

E continua:



Entre elas não existe domínio de uma sobre a outra, nem constrangimento, nem medo ou receio, mas sim amor e candura nas perguntas e respostas que fazer entre si sobre os acontecimentos ao seu redor. Essas condições estão ausentes quando pessoas mais velhas conversam com as crianças (Comenius, 2011, p. 41)

Para Comenius (1996), a Academia (Ensino Superior), a exemplo do que temos normatizado por leis contemporâneas, deveriam formar os professores, para ensinar às crianças e jovens, afirmando em sua obra a possibilidade de um professor ensinar para várias crianças ou jovens, superando a ideia anterior da individualização do ensino e apontando esse modo de ensinar coletivamente como muito vantajoso para ambos, professor e alunos, tanto mais quando desempenhado “com maior prazer” conforme escreveu Piaget (2010, p. 93). Comenius (1996, p.279) ressalta:

Não só afirmo que é possível que um só professor ensine algumas centenas de alunos, mas sustento que deve ser assim, pois isso é muito vantajoso para o professor e para os alunos. Aquele desempenhara, sem dúvida, as funções com tanto maior prazer quanto mais numerosos forem os alunos que vir diante de si (com efeito, até os mineiros exultam, quando veem que o mineiro é abundante), e quanto mais ardoroso ele for, tanto mais atentos tornará os alunos.

A respeito das crianças, Piaget (2010), ao se referir ao método de ensino de Comenius (1996) escreve que, se comparadas à natureza, no cultivo de pomares, que “se bem preparadas pelos pais e pelas amas, são semelhantes às arvorezinhas plantadas com perícia, que têm raízes bem desenvolvidas e já começam a emitir os primeiros ramos” (Piaget, 2010, p. 92), trazendo semelhança com os dias de hoje, em que acreditamos, e temos expressos em legislações educacionais, que a educação escolar infantil é complementar à ação da família.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), Lei nº 9.394/96, assinala que a Educação Infantil é complementar à ação da família, deixando expresso no artigo 29 da referida Lei:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996).

Tal concepção foi referendada em legislações posteriores, como apresentada na Política Nacional de Educação Infantil (Brasil, 1994), que traçou diretrizes, objetivos, metas e estratégias para a Educação Infantil, enfatizando que a mesma tem função diversas, porém complementar à ação da família, implicando em uma necessária articulação entre ambas, escola e família, ao tratar do necessário preparo da criança “pelos pais e pelas amas” (Piaget, 2010, p. 92), tanto quanto pelos professores, como visto em Comenius (1996).

Uma comparação nos traz à lembrança o nome dado às escolas da primeira infância: jardins de infância, e nos remete à equiparação comeniana das

faixas etárias às estações do ano, em que a escola de educação infantil “[...] faz lembrar a amena primavera, embelezada de rebentos e de florinhas de vária fragrância [...]” (Comênio, 1985, p.266), confirmando que para ele a infância é o símbolo da primavera, uma idade primaveril.

Para finalizar, partindo do princípio geral de Comênio (1985), de que é preciso desenvolver na mente infantil o princípio e as bases de uma instrução universal desde os primeiros anos de vida escolar, consideramos aqui, que seria muito interessante que cada aspirante a professor que esteja na Universidade aprendendo o ofício de ensinar, se debruce em uma leitura mais detalhada da obra *Didáctica Magna*, já que aqui expusemos uma parte muito pequena do que vem a ser a obra inteira, vista pelos olhos de Piaget (2010).

E, caso o futuro docente pretenda iniciar seu ofício de professor junto às crianças pequenas na educação infantil, que venha a se ater a ler mais demoradamente o capítulo XXVIII, em que Comênio explica, em pormenores, seu *Plano da Escola Materna* (Comênio, 1985, p. 415-423) em que foi idealizado e transcrito, cujas páginas certamente possibilitará retirar gratas lições para sua vida, tanto pessoal como profissional.

## Referências

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Política Nacional de Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/DPE/Coedi, 1994.

COMÊNIO, Jean Amós. **Didáctica Magna**. 3. ed. Tradução e Notas: Joaquim Ferreira Gomes Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985. 525p.

COMÊNIO, Jean Amós. **Pampaedia** (educação universal). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971. 312p.

COMENIUS, Jean Amós. **Didáctica Magna**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. 525p.

COMENIUS, Jean Amós. **A escola da infância**. Tradução: Wojciech Andrzej Kulesza. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 87p.

GASPARIN, João Luiz. **Comenius ou da arte de ensinar tudo a todos**. Campinas/SP: Papirus, 1994. (Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico). 187p.

NARODOWSKI, Mariano. **Comenius e a Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001. 109p.

PIAGET, Jean. **Jan Amos Comênio**. Tradução: Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes e Gino Marzio Ciriello Mazzetto. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores). 136p. Disponível em : [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_o\\_bra=205230](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_o_bra=205230) Acesso em: 04 jun. 2021.



SEVERINO, Antônio Joaquim. Prefácio. In: COMENIUS, Jean Amós. **A escola da infância**. Tradução: Wojciech Andrzej Kulesza. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 87p.

SUCHODOLSKI, Bogdan. Comenius and Teaching Methods. In: DOBINSON, C.H. (org.). **Comenius and Contemporary Education**. Hamburg: Unesco Institute for Education, 1970.

Enviado em: 20/07/2022 | Aprovado em: 12/10/2024

